

# O JUDEU



**BERNARDO  
SANTARENO**

BERNARDO SANTARENO

Uflora 1123

# O JUDEU

NARRATIVA DRAMÁTICA  
EM TRÊS ACTOS

EDIÇÕES ÁTICA  
LISBOA

## PERSONAGENS DO 1.º ACTO

CAVALEIRO DE OLIVEIRA  
PADRE PREGADOR do auto-de-fé  
ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU  
LOURENÇA COUTINHO  
INQUISIDOR-MOR  
1.º INQUISIDOR  
2.º INQUISIDOR  
REI  
DIOGO DE MENDONÇA CORTE-REAL  
CARDEAL DA MOTA  
PADRE SECULAR, proclamador das sentenças  
ES CRAVA NEGRA  
ESTUDANTE PALIDO  
JOSÉ LAVAREDA  
MARIA DO ROSÁRIO  
ANTÓNIO PEREIRA DE SA  
RAINHA  
PRÍNCIPE  
PRINCESA

Penitentes dos autos-de-fé; Inquisidores; Familiares do Santo-Ofício; Jesuítas; Vozes de Homens e Mulheres assistentes do auto-de-fé; Homens, Mulheres e Crianças do povo; Estudantes; Raparigas de Coimbra; Servos e Servas de Lourença Coutinho; Criados e Fâmulos do Rei

## 1.º ACTO

*Em toda a sua extensão visível, ao fundo e aos lados, o palco está revestido por uma cortina negra que se abre apenas ao F. C., desenhando o contorno duma ogiva de vitral. Este, fortemente iluminado, tem pintado o fundador do Santo Tribunal da Inquisição, São Domingos, tal como o vemos no estandarte do Santo-Ofício: A espada numa das mãos e o ramo de oliveira na outra, tudo emoldurado pelo dístico «Misericordia et Justitia». Ainda ao F. C., por baixo do vitral, um grande Cristo Crucificado e agónico, de madeira negra. Em plano mais dianteiro, também ao centro, uma mesa pétrea de altar e sobre ela alguns candelabros em prata, com as altas velas todas acesas.*

*À direita e à esquerda da mesa, um pouco mais avançados para o público, dois tronos sumptuosos, montados sobre estrados com degraus, de maneira a ficarem à mesma altura.*

*Mais próximos dos espectadores, um de cada lado, dois grandes genuflexórios de banco corrido, dispostos obliquamente e destinando-se aos réus do auto-de-fé.*

*À frente, ocupando os dois terços centrais do diâmetro transversal do palco, uma grade baixa.*

*Ainda mais perto do público, situando-se à extrema D., ou E., cerca de três metros acima do pavimento cénico, um púlpito de igreja cujo bojo avança mesmo sobre a orquestra.*

*Durante alguns segundos, com o palco ainda em obscuridade completa, ouve-se o «EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM TUAM», cantado poderosamente por um coro masculino. Sinos de catedral.*

*Luz sobre o púlpito. Silêncio. Todo o restante dispositivo cénico, tal como as personagens que nele figuram, continua em obscuridade.*

**PADRE PREGA-  
DOR**

*(Dirigindo-se aos espectadores de «O Judeu» que, nesta cena, funcionam como assistentes do auto da fé.)* Ai, irmãos meus muito amados nas entranhas benditas de Nosso Senhor! Ai, cristãos, herdeiros da justiça e da misericórdia divinas! Vinde e contemplai comigo a fera bruteza da herética pravidade: Pior que a lepra do corpo, que nos apodrece as carnes, nos rói os ossos, nos bebe a luz dos olhos e nos desfibra a raiz da fala... pior que a lepra do corpo, é a lepra da alma — o pecado mortal. Uma criatura humana em pecado mortal: Um túmulo nojento, engravidado pelo pus e mais sumos da podridão, pelos vermes inchados, pelos répteis venenosos! O pecado; os vossos pecados, meus irmãos! Ai, os vossos pecados mortais!... *(Vindo da assistência, ouve-se um choro de mulher aflita.)* Eu sei, amados meus, eu sei: Os vossos, são os pecados da humana fraqueza... Ide, correi a lavá-los nas águas sempre virgens do Santo Sacramento da Penitência. Elas vos restituirão à dignidade de membros do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. *(Iracundo:)* Mas o pecado de heresia não é fraqueza, antes força: Força pertinaz e convicta, a que o sémen maldito do Demônio dá a erecta contundência!... Quem? Quem haverá aqui capaz de dizer «Não!» a Nosso Senhor Jesus Cristo?! Quem ousará dizer-lhe «Não!», de coração frio e mente serena, uma vez quebrada a escama ardida com que o Diabo lhe venda os olhos? Quem?!... *(Silêncio, durante o qual os seus olhos incendiados dardejам o auditório. Súbitamente brando, dulcíssimo:)* Jesus Cristo! O Cordeiro Virginal! O Santo dos Santos! Deus Incarnado! Jesus-Amor! Jesus Crucificado!... *(Enérgico, com toda a indignação do amor ofendido, aponta o Cristo Negro do F. C. que, progressivamente iluminado, surgirá visível aos espectadores.)* Olhai, irmãos, contemplai o mais horrendo quadro que olhos humanos já viram: Jesus pregado na Cruz; Deus Crucificado! A divina cabeça rasgada pelos espinhos do escárnio, os pulsos e os pés traspassados com ferocíssimo im-

pulso, a chaga do lado aberta sem dó nem piedade... Lobos, negros lobos vorazes, focinhos empedernidos que os beijos do Demónio beijaram!... Matadores de Deus!! Olhai, irmãos meus, contemplai comigo o crime dos inimigos da Fé: Jesus Agonizante na Cruz! (*Debruçando-se mais para a assistênci-a:)* Torturar em tormento esperto, matar o Criador da Vida! Cegar a Luz do Mundo! Odiar sem trégua Aquele que é o mesmo Amor! Desfigurar feição por feição — ai, paradoxo infernal! — Aquele que é, e sempre será até ao Juízo Final, a matriz de toda a Beleza!... Lobos raivosos, panteras sanguinárias... (*Apontando para os réus, com voz de estentor:)* Judeus! Raça de víboras! Raça maldita dos Judeus!! (*Pouco a pouco, surgem da sombra os penitentes do Santo-Ofício: De pé, ao longo dos dois genuflexórios, descalços e de cabeça descoberta, envergando uma espécie de hábito negro sem mangas; alguns vestem sobre este hábito um sambenito com línguas de fogo pintadas; todos empunham na mão direita um círio aceso. Ao lado e um pouco atrás de cada réu, está um fidalgo Familiar do Santo-Ofício; junto dos que se destinam à fogueira, também um Padre Jesuíta. Rumor hostil do povo exaltado.)* Sobre o crime nefando dos judeus deicidas, passaram mil anos, mais quinhentos, mais duzentos ainda... e eles continuam surdos aos apelos terníssimos de Nosso Senhor, planeando — hoje como outrora... — o sangradoiro da Sua divina carne! Hoje como dantes, podeis vê-los diante daquela Santa Imagem, (*aponta o Cristo Crucificado*) trincando as surdas orações do ódio, mil serpentes de sombra traiçoeira escoando-se-lhes dos olhos vis...! Hoje como outrora, podeis vê-los diante da Divina Figura de Jesus Crucificado, ougados de vício nefando, a baba pestilenta da fornicação demoníaca escorrendo dos seus danados beijos...!

VOZ DE HOMEM  
DO POVO

(*Entre os espectadores.*) Ao queimadeiro! Façam a barba aos cães judeus!...

PADRE PREGA-  
DOR

(*Impondo silêncio.*) Judeus conversos? Cristãos novos? que venham, sus! A Santa Madre Igreja abrir-lhes-á as suas portas com repique de sinos alvissareiros, beijar-lhes-á as faces, enxugar-lhes-á os pés!... (*Com ódio ateado nos olhos;*) Mas que dispam as imundas vestes hebraicas antes de entrarem! As vestes manchadas com o Sangue bendito de Nosso Senhor... Que as dispam resolutos, sem impostura, nem disfarce! Ai, irmãos meus muito amados, desgraçadamente — sei-o eu, sabe-lo vós — tal cousa não acontece, as mais das vezes: A máscara «cristão-novo» esconde um judeu velho, um hereje relapso, hipócrita, diminuto e obstinado, morada fedorenta do Demónio, profanador irremisso do Sacramento do Baptismo! E são estes heresiarcas — verdugos do Senhor, matadores de Jesus! — que possuem a grossura desta terra, onde habitam com mais folgança que muitos de vós, seus naturais: Os judeus — eles são praga, neste infeliz reino! — não lavram, nem plantam, nem constroem, nem guerreiam... Qual quê?! Vivem do trabalho suado dos outros, sem esforço dos membros próprios, ociosos e cozidos de todas as manhas!... Como os ratos correm ao queijo, eles vão de desgraça em desgraça, de miséria em miséria: Enganam, corrompem, roubam... E desta sorte, ainda por cima, acham mando, honra, favor e dinheiro! Nunca houve, não há, nem jamais haverá, nação mais inclinada à usura que a nação judaica: Já o disse S. Jerónimo, já o gritava Santo Agostinho!

Porque vos admirais, cristãos, porque vos admirais do mar de fome e moléstias, de crime e concupiscência que afoga este reino?! Esta terra foi lavrada para a semente demoníaca dos hereges, a gangrena alastra das chagas horrendas que nela ferem protestantes e feiticeiros, iluminados e mais desquitados, místicos e materialistas averroísta, ju-

1.º A C T O

deus... ai, judeus, judeus! (*Teatral, retórico:*) Acudi-nos, Senhor, salvai-nos e salvai Portugal! (*Com fúria santa:*) Judeus, heresiarcas hediondos, açoutes de Deus!! (*Clamor do povo.*) Ano após ano, as colheitas dos vossos campos cada vez mais se vos negam de secas e minguadas: Porquê? Porquê, se o sol, mais os ventos e as chuvas lhes correm de feição?! Castigo, amados irmãos nas entranhas benditas de Nosso Senhor Jesus Cristo, castigo de Deus! Justiça divina tombada sobre este reino em cujos intestinos medra a heresia nefanda, crescem e recrescem os inimigos da Fé! Castigo de Deus!! (*Rumor agressivo do povo.*) O Senhor é justiça; e é misericórdia: Foi em hora de infinita misericórdia que Ele, em sonhos, segredou ao coração e ao pensamento duma santa, humilde e meiga mulher, os alicerces da obra salvadora que, sem quebra de alento, a todo o instante devemos louvar e bendizer: Falo, bem o sabeis, do Santo Tribunal da Inquisição e da piedosa mãe do seu glorioso fundador, São Domingos. Pomba mística, estrangeira no mundo, que ela atravessou sempre curtida pelas soidades do Céu, Nosso Senhor escolheu esta mansa mulher para mensageira da sua misericórdia; esta santa mulher, o seu dulcíssimo coração levedado em ternura, a sua clara mente bem fundo lavrada pela Graça Divina: Foi desta pequenina e delicada flor, que nasceu a grande, bela, jucunda, invencível e purificadora fogueira do Santo-Ofício! Mistérios do insondável amor de Deus... (*Desde o começo das referências à Inquisição, a luz irá focando, primeiro os dois Inquisidores, logo depois o Inquisidor-Mor.*) Ó sonho misericordioso, do Santo Espírito inspirado! Ó poder incomensurável da caridade de Deus! Se é pelos frutos que a árvore se conhece, contemplai comigo as benesses deste Santíssimo Tribunal: Quantos autos da fé, como este solenes, como este esplendorosos — ai, cristãos, olhai que todo o ouro, todo o incenso, a mirra toda da Terra, pouca cousa são, quando postos em oferta no altar em que se glorifica a Justiça de

Deus! — quantos autos da fé, dizia eu, se têm alevantado pelo mundo além, desde que São Domingos, ardendo em zelos divinos, ateou a chama da primeira fogueira? Fogueira por Deus assoprada; penitência de amor. Que faria um de vós, irmãos muito queridos, que faria aquele de vós a quem a gangrena apodrecesse um dos tenros membros no corpo estremeado dum filho? Logo acharia valor e coragem para, dum golpe só, lho cortar; não o credes? Com todas as fezes da dor no coração; bebendo até à gota derradeira o fel e o vinagre... Mas a ânsia de salvar a vida da cria, sobre tudo isto cavalgará! Desta sorte, procede o Santo-Ofício com aqueles infelizes (*aponta os réus*) quando, esgotados todo o mel da doce persuasão, todo o amargo travo do santo temor, os condena ao queimadeiro, relaxando-os em carne ao braço secular. Quantos corações, empedernidos por férreo orgulho satânico, amolecem e se fundem em Deus, apenas nesta derradeira hora, quando as chamas já lhes beijam as carnes fornicadoras? Quantos?!... (*Para os réus, pondo as mãos, no estilo e com a mímica «mater dolorosa»:*) Porque porfiaes em guerrear Deus Nosso Senhor, que tudo pode, tudo tem e tudo vos dará?! Olhai que o tormento e morte na fogueira pequeno, mesquinho e vil preço é, para o que com ele podereis comprar: A Vida Eterna! Porque porfiaes? Porque regateais com Deus?! Quebrai as grades do vosso coração, deixai entrar o Senhor: E os lenhos ardentes vos parecerão pétalas de rosa, o fogo alteroso doce brisa de primavera! Olhai que... (*Do grupo dos réus, destaca-se José Lavareda, num movimento irreprimível, tenso de energia. Veste o hábito dos que vão ser relaxados ao braço secular para serem queimados: O seu sambenito, além de chamas com a ponta virada para cima, apresenta ainda pintado um tosco retrato da sua cabeça, sobre uma amálgama de répteis e cães de fauces escancaradas.*)

## 1.º ACTO

**JOSÉ LAVAREDA**

*(Vibrante, para a assistência, gritando a sua profissão de fé.)* O cristianismo é falso! E falso o seu messias, Jesus Cristo!!... *(Alguns Familiares do Santo-Ofício precipitam-se para José Lavareda, tentando tapar-lhe a boca. Para o Padre Pregador:)* Falsas... falsas as tuas palavras!... *(Para o público, debatendo-se ainda:)* Chegou o tempo... Preparai-vos!... O verdadeiro Messias vem aí!!... *(Os Familiares conseguem dominá-lo, amordaçando-o e reconduzindo-o ao lugar que ocupava entre os penitentes. Rumor alteado do povo. A iluminação do grupo dos Inquisidores atingiu agora o seu máximo: O 1.º e o 2.º Inquisidores, este principalmente, exteriorizam surpresa e indignação; o Geral mantém-se imóvel, inalterável a rigidez do seu rosto, apenas redobrado o brilho profundo e gelado dos olhos negros.)*

**PADRE PREGADOR**

*(Reagiu à revolta de José Lavareda colèricamente, dardejando-o com olhares apocalípticos. Retoma o sermão, com uma calma rumorosa de ódios.)* É verdade incontroversa ser a misericórdia de Deus desmesurada, para a pobre medida do humano coração. Mas não é menos verdade, tanto como a primeira incontroversa, ser o ódio de Deus também desmesurado, absoluto: Não o esqueçais nunca, meus irmãos! *(Fúria desencadeada:)* Porque todos aqueles imundos — hereges, relapsos, apóstatas, dogmatistas, contumazes, negativos... — que, até ao momento último, negarem o Santo Nome de Jesus, obstinados e robustecidos com as negras forças de Satanás, esses, meus irmãos, esses, malditos dos homens e de Deus, descerão do fogo da Santa Inquisição para o fogo eterno do Inferno! Per omnia saecula saeculorum! Choro e ranger de dentes para os heresiarcas, sofrimento infindo para os amantes do Diabo!!! *(Clamor assanhado do povo. O Pregador silencia-o pelo gesto; de súbito untuoso, melifluo:)* Deus é misericórdia; misericórdia infinita. E assim como permite o mal, nos dá a mezinha: O Santo-Ofício, o Santo Tribunal da Inquisição! Cárcere,

potro, polé, excomunhão, confisco de bens materiais... a fogueira!, eis os remédios benditos da sua panaceia salvadora: Ai, irmãos, quantas almas terão sido limpas da lepra herética com esta santa botica? Quantas terão sido salvas para a Eternidade?!... Como a madre amantíssima embala em seus braços o filhinho doente, com ele sofrendo o destempero das febres ruins, com ele saboreando o azedo das ervas curandeiras, assim a Santa Inquisição embala os míseros hereges; assim, com desvelado zelo na esperança curtido, lhes trata da saúde da alma! E mesmo quando a montanha encrespada do satânico orgulho resiste à provada eficácia dos seus revulsivos medicamentos, quando o Santo-Ofício tem de relaxar ao braço secular — com quanta dor, irmãos! — estas denegridas almas, ainda nestes aflitos extremos, o Santo Tribunal da Inquisição, de joelhos e com as mãos postas, não resiste em implorar para os hereges impenitentes a clemência dos reais juízes: Repetidamente lhes pede «com muita eficácia e instância se hajam com eles benigna e piedosamente e não procedam a pena de morte nem efusão de sangue»... Grito de maternal e subido amor, este instante rogo da Santa Madre Inquisição: Como uma mãe à qual a mente clara e temerosa diz estar o filho estremeado das suas vísceras condenado e mortiço, mas à qual o coração porfia em esse juízo negar, assim o Santo-Ofício relaxa ao braço secular o herege relapso, convicto e diminuto, sabendo de ciência certa ser a fogueira o fim das suas passadas, mas — ai, a dor dum coração de mãe! — mas sem ânimo nem afoiteza para tão triste destino aceitar! (*Para os réus, em rasgo de oratória teatral:*) Olhai, hereges e desquitados, pesai bem em vossos feros corações, quanto por amor das vossas almas perversas, guerreia e padece a Santa Inquisição!

Honra, graças e louvor aos Santos Inquisidores e seus nobres Familiares! (*Reverência*) Honra, graças e redobrado louvor ao Reverendíssimo Padre Inquisidor-Mor! (*Vénia*)

## 1.º ACTO

*mais profunda e demorada, dirigida ao Geral da Inquisição. Este limita-se a agradecer com um leve e frio baixar da cabeça, inalterável sempre a expressão facial. O Padre Pregador pigarreia e continua o sermão, dirigindo-se mais uma vez aos réus:)* Ovelhas trasmalhadas do cristianíssimo gado português! Vós, desgraçados! Vós, rebeldes pertinazes! Vós, a quem o Santo-Ofício relaxou ao braço secular, despi-vos de vãs esperanças enganosas: O fogo vos consumirá carne e osso; de vós sobejará tão-só um punhado de cinzas; cinzas que o vento e o mar esguedelharão até serem nada... nada! Como poderia a justiça d'El-Rei ir mais longe que o Santo Tribunal, em prática de misericórdia? Como poderia o braço do século sentenciar doutr'arte que não a do Santo-Ofício, se o supremo Juiz de ambos o mesmo é — Nosso Senhor Jesus Cristo?! Ai, irmãos, nesta concordância e similitude se gera e nasce o maior título de glória da Nação! Tem este Reino dois pastores, unidos ambos num mesmo zelo apostólico, ambos ardendo na chama indivisa do mesmo Santo Espírito: A Madre Igreja, e no seio d'Ela o Tribunal da Inquisição; e o Rei, por direito divino incarnado na Magnânima, Cristianíssima e Fidelíssima Pessoa de Sua Majestade... *(Vénia profunda. O Rei surge agora iluminado, tal como o Cardeal da Mota e Diogo de Mendonça que lhe servem de comitiva. Ao pretender corresponder ao cumprimento do Padre Pregador, D. João V, nesta idade já bastante obeso, sofre um ataque de tosse brônquica, de maneira que do seu rendado peitilho se desprende, e cai no chão, o rico broche que o ornamentava. Logo pressurosos acorrem dois Familiares que, de cócoras, procuram a jóia, recolocando-a mesureiros nos bofes de Sua Majestade: Este deixa-os fazer, displicente, tãful, mimado. Enquanto dura esta cena, o Padre Pregador suspende o sermão: Os olhos presos no Rei, aguarda, compondo no rosto uma máscara de cuidado, expectante e aflito. Resolvido o acidente, os Familiares voltam aos seus lugares. Logo, aliviada, se alegra a ex-*

*pressão do Pregador. Continua o sermão:)* É por direito divino — permiti, irmãos muito amados, que vo-lo rediga! — que Sua Majestade está à testa da governança deste Reino. Por direito divino, cristãos, por direito directamente emanado da vontade omnipotente de Deus Nosso Senhor...! *(Nesta altura, o Rei tem um novo ataque de tosse. O Pregador interrompe-se mais uma vez. O Cardeal da Mota apressa-se em acudir ao Rei, batendo-lhe nas costas: Mais vermelhusca e pletórica ainda, Sua Majestade esvai-se em cuspo e ranho. A medo, o Padre Pregador recomeça:)* Tal como Jesus Cristo, o Divino Pastor, deu a sua Igreja às cinco partidas do mundo... *(terceiro ataque de tosse do Rei. Nova suspensão do Pregador)* ... às cinco partidas do mundo, para que Ela seja, pelos séculos afora, a Sua Voz e o Seu Gesto, assim também... *(Sua Majestade espirra estrepitosamente. O Pregador cala-se, a custo disfarçando a impaciência. De cabeça baixa, aguarda. Quando lhe parece ter amainado a tempestade das reais assoadelas, retoma dignamente a postura erecta. E continua, receoso:)* assim também... *(perdeu o fio à meada; pigarreja confuso; decide-se e ataca «forte»:)* Olhai, irmãos meus nas entranhas benditas de Nosso Senhor, contemplai com ungido gozo, cantai em hossanas de alegria! a glória deste espectáculo mais que outro precioso: A Santa Inquisição e a Real Governança da Nação uma à outra unidas, como a Esposa ao Esposo amado! *(O Rei, risonho e enfatuado, olha ternamente para o Inquisidor Geral. Este, imóvel e sempre impassível, não se dá conta.)* Tal como à esposa e ao esposo, no manso segredo do tálamo conjugal, a espertina dos muitos cuidados rouba o repouso do sono, ora a um, ora ao outro arrancando quentes palavras do vigilante amor do qual são princípio e fim os filhos que ambos geraram, assim também a sorte temporal e a salvação eterna das lusiadas ovelhas roubam lazeres e folganças a Sua Majestade o Rei e a Sua Reverência o Inquisidor Geral, Um e Outro porfiando na

## 1.º A C T O

fazedura do comum bordado, do qual as linhas com que o cosem são o apostólico zelo, o santo temor, o doce recado, o clarividente aviso... Ai, cristãos, quão formoso isto é, quão levedado em promessas, quão santo e magnífico!

Dois Pastores para o lusiada rebanho; dois Pastores, mas um só e sempre o mesmo cajado. Bênção do Céu, graça divina!

(*Untuoso, maternal, efeminado:*) Esta ovelhinha, nua do natural agasalho, por demais tosquiada, perde o tino, foge do rebanho e ousa aventurar-se no negro bosque onde tudo são lobos e perigos? Logo os dois Pastores, cada qual pela sua banda, porfiadamente a procuram e, achando-a, com os santos unguentos que conheceis lhe tratam da saúde, com doces e próprias palavras do Evangelho a admoestam e cuidam de trazer ao rebanho: Olhai, ovelhinha perdida — diz um, diz o outro Pastor, dizem talvez ambos num mesmo fôlego de amor — olhai que mais fácil é a um camelo passar pelo fundo duma agulha, que a um rico entrar no Céu! Porque então te queixas da tua pobreza? Porque invejas a abundância dos ricos?! Ai, como és ingrata, douda ovelhinha! que mal agradeces a Deus o dom inefável da santa pobreza!... Sucede agora que aquela outra, de tão gorda, de tão carregadinha de lã, se deixa ficar para trás, logo se perdendo da grossura do outrora manso gado português? Prestes, acodem os dois incansáveis Pastores, e dum mesmo amoroso esforço a salvam, tosquam brandamente, e de joelhos confortam!... Sim, irmãos, não deveis esquecer que, mais que benesse, a riqueza é provação: Os ricos são como ovelhinhas pesadas, para as quais todo o caminho é lonjura e toda a sombra um perigo. A vós, ricos que me escutais, daqui vos exorto a que tudo, tudo façais — exercícios de perfeição, preces fervorosas, cilícios de penitência... — a fim de assim poderdes suportar o peso de tanta lã, o peso da vossa cruz... tão grande! Ai, quanto me doem o perigo e as ciladas que, coitados de vós, sem culpa própria correis:

Inveja, roubo, fornicção, morte... com todos estes males o mundo vos ameaça! Com quanto amor, com quanto cuidado vos sigo na subida do vosso calvário!... (*Silêncio em que contempla a assistência amorosamente, com transbordante piedade.*) Portugueses, cristãos muito amados nas entranhas benditas de Nosso Senhor, é verdade que o nefando pecado heresiarca empesta este Reino? Que a muitos já tocou e a muitos mais intenta pegar-se? É verdade. É, desgraçadamente, verdade. Contra a heresia maldita, deveis pois alertar-vos, a toda a hora e momento; por causa dela, tudo e todos temer; para a sacudirdes de vós, de tudo e de todos desconfiar. E, todos, cegamente cuidareis de buscar amparo e fortaleza, ao abrigo do estandarte invencível do Santo Tribunal da Inquisição, ao qual vos obrigareis a denunciar, como mandamento primeiro e sob pena de excomunhão maior, todo o suspeito herético, ainda que ele seja pessoa da vossa estima, protecção ou carnal parentesco — pai, mãe, irmão ou filho! Sim, amados meus, a herética perversão é uma verdade neste Reino de Portugal. Mas verdade é também, visível e provada, ter o Senhor da Misericórdia pou-sado os Seus Divinos Olhos sobre esta Nação: Sobejas razões naturais e abundantes graças sobrenaturais no-lo auguram e mostram já de forma encorpada. Por isto vos incito, a vós portugueses — nobreza, clero e arraia-miúda; ricos e pobres; virtuosos e pecadores... até a vós, hereges desquitados! — por isto vos rogo e forço a que, confiando, tenhais esperança. Sim, cristãos, confiai os vossos humanos negócios à magnanimidade de Sua Majestade; esperai a vossa eterna salvação da misericórdia e da justiça do Santo-Ofício! E, desta sorte, achareis porto seguro. Guiados pelos dois providenciais Pastores a quem Nosso Senhor confiou o grosso rebanho do gado lusíada, um Real Administrador dos terrenos corpos, o outro Inquisitorial Guardião das imortais consciências, um e outro unidos em estreito abraço redentor, um e outro ajoelhados aos pés de Jesus

1.º A C T O

Cristo, (*luz vermelha sobre o Cristo Crucificado do F. C.*) um e outro brandindo a espada da Justiça numa das mãos, e na outra o tenro ramo de oliveira... assim, sàbiamente conduzidos, assim com muita caridade tosquiados, assim com eficácia provadíssima medicados contra as doenças da contradição, assim, em curto tempo, cantaremos o glorioso «Magnificat» que há-de celebrar a vinda ao mundo do reino de Deus, o Reino de Deus em Portugal!! (*Toque estridente de clarins.*)

Glória a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo!

**POVO** Glória à Santa Madre Igreja, Católica, Apostólica e Romana!

**PADRE PREGADOR** Glória ao Santo Tribunal da Inquisição!

**POVO** Glória a Sua Reverência, o Inquisidor Geral!  
(*O Inquisidor-Mor está de pé: Muito direito, rígido, quase incorpóreo; impressionante.*)

**PADRE PREGADOR** Glória ao Reino de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e d'Além Mar!

**POVO** Glória a Sua Majestade o Rei!  
(*O Rei levanta-se: Senhoril, altaneiro, passeando os olhos pela multidão.*)

*Recomeçam os sinos das catedrais de Lisboa. Escutado de pé pelo Rei, pelo Inquisidor-Mor e por todos os presentes, volta a ouvir-se o canto «EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM TUAM», cantado pelo mesmo coro masculino. O canto acabado, o Rei e o Inquisidor Geral tornam a sentar-se. O Padre Pregador desce do púlpito, após ter reverenciado o altar, o Rei e o Inquisidor; dirige-se para o fundo-*

*-lateral, onde fica de pé. Silêncio expectante, sussurrado: Os réus do Santo-Ofício mostram-se mais inquietos, transparece mais vivo o terror que os possui. Do fundo de cena destacam-se três Inquisidores e um Padre Secular: Este último sobe ao púlpito, para proclamar as sentenças; o primeiro dos Inquisidores vai colocar-se de pé, de face para o público, sobre os degraus do altar: mostra, aberto de par em par, um grande livro dos Evangelhos, com encadernação e fechos de ouro; os dois Inquisidores restantes dispõem-se um de cada lado do porta-Evangelho, em plano um pouco superior ao deste, também sobre a escada do altar: tanto um como o outro seguram na mão erguida um candelabro argênteo, com as velas acesas.)*

**PADRE SECULAR**

*(Do púlpito.)* António Pereira de Sá, senhor de Atouguia, com quarenta e cinco anos de idade, *(o acusado sai da fila dos réus e vai ajoelhar-se no centro da cena, assim escutando a sentença; acompanha-o o respectivo Familiar do Santo-Ofício que se mantém de pé, um passo atrás)* reconciliado que foi por culpas de luteranismo no auto público da fé que se celebrou no Rocio desta mesma cidade de Lisboa, em 19 de Abril de 1716. Autor de escritos onde afirma proposições reprovadas pela Santa Madre Igreja, em que ousa contestar as indulgências e a autoridade de Sua Santidade, o Papa. Acordam os Inquisidores e deputados da Santa Inquisição nas penas de cárcere a arbítrio e confisco de todos os bens, applicados de direito. *(O penitente ergue-se, vai ajoelhar-se aos pés do Inquisidor porta-Evangelho, recita com este a fórmula da abjuração e beija o livro sagrado. Sempre acompanhado pelo Familiar, volta a ocupar o seu lugar entre os réus.)*

**PADRE SECULAR**

José Lavareda, cristão-novo, com trinta anos de idade, *ourives... (O réu, sempre amordaçado, não se move; o Familiar e o Padre Jesuíta dele encarregados, um de cada*

## 1.º A C T O

*banda, tomam-no pelo braço e, discretamente, forçam-no a ir ao centro; isto feito, retrocedem o passo que o ritual exige; Lavareda não se ajoelha, antes toma uma postura arrogante de desafio e rebeldia, fuzilando com os olhos o Padre Proclamador; pausa, suspensão do cerimonial, num silêncio mordido de ódios; avança então o Jesuíta que, mansamente, fala ao ouvido do acusado; este empertiga-se mais e a sua face adquire uma expressão de troça raivosa; o Jesuíta, hesitante, receoso, acaba por recuar até à anterior posição.)* ourives, reconciliado que foi por culpas de judaísmo, no auto público da fé que se celebrou na igreja do convento de São Domingos, desta cidade de Lisboa, em 10 de Outubro de 1720. (*Pausa. Marcando as sílabas, ardente, terrível.*) Preso segunda vez, por relapsia das mesmas culpas. Acordam os Inquisidores, ordinários e deputados da Santa Inquisição que, vistos os autos próprios, seja condenado como a herege, apóstata, dogmatista, contumaz e negativo, incorrendo nas penas de excomunhão maior, de confisco de todos os seus bens aplicados a quem de direito e nas mais penas em direito contra os semelhantes estabelecidas. (*Pausa que saboreia com volúpia sádica, os olhos presos nos de Lavareda. Violento, com voz poderosa.*)

Excluído da jurisdição eclesiástica.

Relaxado em carne à justiça secular.

(*Logo brando, com voz e expressão falsamente condoídas.*) Acordam ainda os Inquisidores, ordinários e deputados, em pedir ao braço secular, com muita eficácia e insistência, se haja com o condenado benigna e piedosamente, não proceda a pena de morte, nem efusão de sangue. (*Lavareda volta-se de face para a assistência, num brusco e enérgico movimento: A cabeça orgulhosamente levantada, os olhos incendiados, na boca sempre a mordaza... Todo ele vale um altivo e forte cartaz de protesto. O Jesuíta e o Familiar aproximam-se tentando, de acordo com o ritual, acompanhá-lo até junto do porta-Evangelho, para que faça*

*a abjuração: Lavareda afasta-os, brusco, rígido. Destacam-se mais dois Familiares do Santo-Ofício que, juntamente com o próprio do réu, o levam em peso até ao altar, forçando-o a ajoelhar-se diante do Padre porta-Evangelho: José Lavareda, a cabeça obstinadamente voltada para baixo e para o lado, cerra com força os dentes, recusando-se a recitar a fórmula da abjuração. Os Familiares, com mal contida raiva, acabam por o levantar. Lavareda sacode as mãos que o prendem e dirige-se sôzinho para o seu lugar entre os réus, com firme passada, decidido e altaneiro. Logo seguido pelos Familiares e pelo Jesuíta.)*

**VOZ DE MULHER** *(Vinda da assistência; rebentando apaixonada, irremovível.)* Eh, judeu maldito! Eh, Satanás! Hoje há festa no Inferno!!

**VOZ DE HOMEM** *(Na assistência.)* Eh, judeu piolhoso! Anda, presume agora, que logo na fogueira hás-de bailar!

**OUTRA VOZ DE HOMEM** *(Gargalhada cruel.)* O vento hoje corre de feição!... *(Risos da assistência.)*

**VOZ DE HOMEM** Ai, vento, ventinho do meu coração! Corre, corre depressa, põe-me de rastos a fogueira que àquele cão há-de queimar, acrescenta de três cada hora que ele no queimadeiro padecer! *(Risos.)*

**OUTRA VOZ DE HOMEM** Que uma noite inteira não seja bastante para, bocado a bocado, a tua carne assar, porco sujo! *(Gargalhadas do povo assistente.)*

**PADRE SECULAR** *(Compõe, para a assistência, uma máscara pouco convincente de desaprovação e pede silêncio com o gesto. Continua a proclamar as sentenças.)* Maria do Rosário, religiosa professa no Convento de Santa Maria Madalena, desta ci-

1 . °   A C T O

dade de Lisboa, com trinta e cinco anos de idade. (*A acusada sai da fileira dos réus e executa os actos do ritual: vacilante, transida, os olhos espavoridos.*) Confitente e afirmativa, provado ficou nos autos próprios ter ela havido com o Diabo um pacto nefando, com coitos danados muitas vezes repetidos, e do mesmo Demónio ter parido sete filhos — cachorros, gatos e monstros...

**VOZ DE MULHER**      (*Na assistência.*) Queimem-na! Queimem-na!!... (*Vozearia ameaçadora do povo.*)

**PADRE SECULAR**      (*Impondo silêncio.*) Mais se provou, nos autos próprios, ter ela sarado muitos doentes à distância, o que não podia ser sem auxílio do mesmo Demónio, pois todo o remédio para causar efeito se deve aplicar por contacto ao dito enfermo...

**OUTRA VOZ DE MULHER**      (*Na assistência.*) Só ver-te é uma perdição! Ao queimado!!... (*Clamor dos assistentes.*)

**PADRE SECULAR**      Acordam os Inquisidores, ordinários e deputados da Santa Inquisição, no carácter afirmativo e bastante das confissões em os autos lavradas, e com muita misericórdia a condenam às penas que ora proclamarei: Açoutes públicos, executados no Largo do Convento, à porta da Igreja, em cada uma das três domingas que a este auto da fé se seguirem. (*Riso grosso de mulher, na assistência; rumor geral.*) Hábito penitencial por toda a vida, o qual sempre vestirá com muita humildade, mesmo quando for mandada esmolar pelas ruas desta cidade de Lisboa, o que miúdas vezes terá de acontecer...

**VOZ DE HOMEM**      (*Risada feroz.*) Três pauladas e uma dentada, como esmola te darei! (*Risos.*)

**PADRE SECULAR**      Cárcere perpétuo, no próprio convento que os seus

pecados desonraram, ficando as mais religiosas da comunidade obrigadas a, sem hesitação, usarem o seu corpo como degrau, todas as vezes que no refeitório entrarem para comer.

**VOZ DE MULHER**      (*Bravia, sobrepondo-se ao alarido geral.*) Esfreguem-na com azeite a ferver! Limpem-na dos beijos do Demónio!!... (*O Padre Secular, com o gesto, impõe silêncio. Maria do Rosário, cada vez mais aterrorizada, está agora a balbuciar a abjuração. Ergue-se penosamente e dirige-se para o seu lugar entre os réus; a meio caminho, fraqueja e cai de joelhos; risadas do público; o Familiar que nestes passos a tem acompanhado logo a levanta, ajudando-a a chegar ao genuflexório dos penitentes.*)

**PADRE SECULAR**      (*Continuando a proclamar as sentenças.*) Lourença Coutinho, cristã-nova, com cinquenta anos de idade, viúva de João Mendes da Silva que foi advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro e moradora nesta de Lisboa ocidental. (*Lourença destaca-se de entre os acusados e vai executando todos os actos da cerimónia com passo lento e medido, serenamente, com natural dignidade dolorosa. De grande fragilidade corpórea, muito pálida, envelhecida para a idade, nunca levanta os olhos do pavimento, a cabeça sempre um pouco inclinada num jeito resignado, patético. Brigando com esta aparente fraqueza, sente-se todavia nela algo de obstinado e interior, na precisão dos gestos delicados, na grácil simplicidade, no como que alheamento do meio terrorífico que a cerca.*) Reconciliada que foi por culpas de judaísmo, no auto público da fé que se celebrou no Rocio desta cidade, em 9 de Julho de 1713. Presa segunda vez por relapsia das mesmas culpas. Acordam os Inquisidores, ordinários e deputados da Santa Inquisição que, vistos os autos próprios, seja condenada às penas de cárcere a arbítrio e uso do hábito penitencial. (*Rumor*

1.º ACTO

*hostil do povo. Feita a abjuração, Lourença reocupa o seu lugar entre os réus penitentes; o mesmo faz o fidalgo, Familiar do Santo-Ofício, que nestes passos a seguiu.)*

**PADRE SECULAR**

António José da Silva, cristão-novo, com vinte e um anos de idade, filho de Lourença Coutinho e de João Mendes da Silva, estudante de Direito na Universidade de Coimbra, natural da cidade de Rio de Janeiro e morador nesta de Lisboa ocidental. *(Acompanhado pelo respectivo Familiar, António José da Silva, extremamente abatido, arrasta-se até ao centro; aí, de joelhos, escuta a sua sentença: movimento constante da cabeça, os olhos inchados de terror, os lábios entreabertos e trémulos.)* Preso pela primeira vez, por culpas de judaísmo.

**VOZ DE HOMEM**

*(Vinda da assistência, em chacota raivosa.)* Eh, cachorro! que cousas estudas tu? Lês nos livros do Diabo?! Judeu! Judeu ranhoso!! *(Alarido do povo. António José da Silva reage em pavor às invectivas, incapaz de se controlar.)*

**PADRE SECULAR**

Vistos os autos próprios, acordam os Inquisidores, ordinários e deputados da Santa Inquisição, nas penas de cárcere a arbítrio e uso de hábito penitencial pelo espaço de seis meses, contados a partir deste auto público da fé. *(António José da Silva ergue-se com dificuldade, olha espavorido em redor, dá uns passos vacilantes para o público e fica-se a olhá-lo dolorosamente... Súbita e total obscuridade no palco, logo desfeita pela luz dum projector que, circunscritamente, ilumina o grupo formado pelo Judeu e por Lourença que veio colocar-se junto e um pouco atrás do filho. Ocupam uma zona do centro-fundo de cena e mimam a «marcha contra o vento» pelas ruas de Lisboa: Reconciliados no auto-de-fé a que assistimos, postos em liberdade condicionada logo depois, Lourença e António*

*José regressam a casa. O vento rijo e oposto contraria esta marcha — pantomima executada sempre no mesmo lugar do palco — fazendo ondear o pano das vestes penitenciais, num efeito trágicamente grotesco. Entretanto, aproveitando a obscuridade, deu-se uma mutação rápida do dispositivo cénico: Os tronos do Inquisidor Geral e do Rei, montados que foram sobre «charriots», recuam e desaparecem atrás da cortina negra; com eles, as respectivas figuras humanas. Transportando os restantes elementos cénicos (altar, genuflexórios, grade, etc.) saem todos os outros personagens e figurantes. O púlpito recua até ao nível da parede lateral. Ao fundo, a cortina aberta no centro, para deixar ver o vitral e o Cristo de madeira, cerra-se sobre estes elementos, ocultando-os, e unindo na linha mediana os bordos centrais das duas metades. O palco ficará portanto inteiramente revestido, ao fundo e aos lados, por pano negro.)*

**VOZ DO PADRE  
SECULAR**

*(Em «off».) A 8 de Agosto de 1726, Lourença Coutinho é presa nos cárceres do Santo-Officio, pela segunda vez. (Lourença pára. Terror, expectativa ansiosa. António José afasta-se logo da mãe, como quem foge dum perigo: Imóvel, encolhido, na postura de alguém que se esconde. A medo, ousa olhar para Lourença... Rápido, logo desvia os olhos, relanceando-os aflitivamente à volta, em todas as direcções: Trémulo, transido.)*

**1.ª MULHER VE-  
LHA**

*(Que, tal como as outras personagens que neste quadro vão surgindo, é do povo, miserável. Persignando-se.) Credo, Santo Nome de Maria! Sus, daqui pra fora! Cães do Diabo!... (António José e Lourença retomam a marcha: Ele à frente, com medo, envergonhado; ela logo atrás, quase serena, resignada, mártir.)*

**1.ª MULHER NOVA**

*(Aparecendo do lado oposto ao da 1.ª Mulher Velha.) Porcos judeus!! Furem os olhos à cabra! Cortem a língua ao chibo!...*

*(Correndo, entram Três Crianças sujas e esfarrapadas que, com ferocíssima alegria, saltam à volta dos dois penitentes, puxando-lhes as vestes, fazendo-lhes caretas, etc.. António José e Lourença não interrompem a marcha.)*

**VOZ DO PADRE  
SECULAR**

*(Todas as vezes que, durante o corrente quadro, se ouvir esta Voz, os populares presentes em cena deixam de falar, mimando em silêncio as suas invectivas de escárnio e ódio.)* A 9 de Agosto de 1726, António José da Silva é preso pela primeira vez, em Coimbra, à ordem do Familiar da Santa Inquisição Conde de Villar Maior, e logo encerrado nos cárceres do Santo-Ofício. *(António José e Lourença param. Ele esboça uma reacção de defesa, logo abortada; frágil e amedrontado, quase infantil. Lourença, trespassada de dor, olha para o filho, impotente. A 1.ª Mulher Velha, a 1.ª Mulher Nova e as Três Crianças que, ao ouvirem a Voz do Padre Secular, se tinham afastado para o fundo e para os lados cheias de susto, avançam agora uns passos: Com o braço estendido, os olhos cruéis de ódio, apontam para os penitentes.)* Neste próprio dia, foi-lhe nomeado para curador o beneficiado Filipe Nery. Começam os interrogatórios pelo Inquisidor João Alves Soares. *(António José e Lourença retomam a marcha, mais depressa agora, como que fugindo. Entram o 1.º e o 2.º Homem, a 2.ª Mulher Velha, a 2.ª Mulher Nova e mais duas Crianças. Estes populares juntam-se aos que já estavam em cena e, todos, interceptam a marcha dos penitentes, chacoteiam, invectivam.)*

**1.º HOMEM**

*(Chegando um archote aceso à face de António José.)* Vou fazer a barba ao cão! *(António José, num movimento convulsivo de terror, esconde a cabeça entre os braços. Continua a marcha, mais apressado.)*

## O JUDEU

- 2.ª MULHER VELHA** *(Também com um archote.)* Jasú! Quem viu focinho mais feio?!...
- 2.ª MULHER NOVA** Tem o dente arreganhado, o maldito!
- 1.ª MULHER NOVA** Rica justiça se faz neste reino: Vêm reconciliados, os filhos do Demónio!
- 2.º HOMEM** *(Violento, brandindo uma acha.)* Enganaram os inquisidores, estes piolhosos! *(António José escapa-se à acha.)*
- 1.ª MULHER VELHA** Pudera! Trazem todas as artimanhas do Diabo escondidas no pêlo!...
- 2.ª MULHER NOVA** *(Passando a correr entre António José e Lourença; gargalhadas.)* Quero puxar-lhe o rabo! *(As Crianças imitam-na, ferozes. Os populares dão-se as mãos numa roda vertiginosa, goyesca, à volta dos dois penitentes; a luz dos archotes, a dança das sombras e o som rouco dos risos emprestam a este jogo cruel algo de abismal, de alucinação terrificante. António José consegue desfazer o laço e vem, correndo, à frente; logo seguido por Lourença. O projecteur acompanha o movimento do Judeu e da mãe. Os outros ficam na zona de sombra, iluminados apenas pelos archotes. Quando António José começa a fala seguinte, todos se imobilizam, fixando as posições corporais e as expressões de rosto respectivas: maternidade aflita em Lourença; ódio sanguinário nos outros.)*
- ANTÓNIO JOSÉ** *(Recita para o público o lamento revoltado do seu «Anfitrião», recolhido desta ópera com leves modificações.)*

«Sorte tirana, estrela rigosa,  
Que maligna influís com luz opaca!  
Rigor tão fero contra um inocente!

Que delito fiz eu, para que sinta  
 O peso duma aspérrima cadeia  
 Nos horrores dum cárcere penoso,  
 Em cuja triste, lóbrega morada  
 Habita a confusão e o susto mora?  
 Mas se acaso, tirana, estrela ímpia,  
 É culpa o não ter culpa, eu culpa tenho:  
 Mas se a culpa que tenho não é culpa,  
 Para que me usurpais com impiedade  
 O crédito, o amor, e a liberdade?»

*(Lourença, com imensa ternura ferida, os olhos cheios de lágrimas, aproxima-se mais de António José, abraçando-o por detrás, de modo que as cabeças de ambos fiquem juntas e visíveis. O Judeu, por momentos, abandona-se ao abraço. Ao ouvir a Voz do Padre Secular, reage com terror, afasta Lourença e recomeça a marcha-fuga, logo seguido pela mãe; o público há-de sentir a crescente fadiga, a quase exaustão de Lourença.)*

**VOZ DO PADRE  
 SECULAR**

*(Projectada, implacável.)* Do libelo passado a 22 de Agosto, constam as acusações de apóstata; herege; ficto; falso; confitente; diminuto; impenitente. *(Ao ouvirem cada um destes atributos de culpa, os populares, silenciosamente, reagem com movimentos de grande violência — saltos; cambalhotas circenses, imitação caricatural de demónios, herege agónicos na fogueirã, carrascos do queimadeiro, etc. — num ritmo feroz de alegria ritual e selvagem. Vão entrando mais Homens e Mulheres do povo.)*

**2.º MULHER VE-  
 LHA**

*(Puxando, raivosa, a saia de Lourença.)* Maldito seja o ventre que tal filho pariu! Maldito, pra todo o sempre!!

**VOZ DO PADRE  
 SECULAR**

*(No palco, todos fixam as respectivas atitudes, em silêncio, imóveis. António José escuta, parado e ofegante: bicho perseguido; Lourença martirizada, sem forças.)* In-

terrogado, com doçura e muita misericórdia, pelo Inquisidor João Alves Soares sobre o montante dos bens de raiz que possui, António José da Silva responde com peçonhenta manha que é filho-família, aluno dos Estudos de Coimbra e que apenas tem a roupa de seu uso...

3.<sup>o</sup> **HOMEM** *(Cuspindo no rosto de António José.)* Judeu! Raça de ladrões!... *(António José e Lourença recomeçam a marcha: Cada vez mais dificilmente, arrastando-se.)*

- 1.<sup>o</sup> **MULHER VE-LHA** Os Judeus lavram? Não!
- 1.<sup>o</sup> **MULHER NOVA** Eles plantam? Não!
- 1.<sup>o</sup> **HOMEM** Vão à guerra? Não!
- 2.<sup>o</sup> **MULHER NOVA** Constroem casas? Não!

*(Cada uma destas perguntas é feita pela personagem indicada a todos os outros, à maneira de quem faz uma demonstração; o «Não!» que a si próprios respondem tem o mesmo sentido. Este jogo de pergunta-resposta é precedido por movimentos violentos de corrida e gesto, por parte de cada interveniente; o alvo destes movimentos é sempre o grupo de António José e Lourença: os inquiridores surgem de trás e dos lados, cruzam os penitentes, passam entre ambos, etc. As crianças giram em turbilhão incessante e silencioso: vorazes, insaciáveis.)*

- 2.<sup>o</sup> **HOMEM** *(Feroz.)* De que vivem então, os cães judeus?!
- 2.<sup>o</sup> **MULHER VE-LHA** *(Gritando muito.)* Da usura! Da pele que tiram à gente!!
- 3.<sup>o</sup> **HOMEM** *(Que puxa com raiva o hábito de António José, rasgando-lho.)*  
Ladrão! Raça de Ladrões!!

1.º A C T O

2.º MULHER VE-  
LHA

Eles arrotam de fartura e a gente morre de fome! Como milhafres, estes malvados giram à volta da nossa miséria sempre à cata dum infeliz que, por já não poder mais, adregue de lhes comprar mercância fiada ou de lhes pedir dinheiro emprestado...

1.º HOMEM

Emprestam cinco e cobram dez! E assim ganham o fruto de todos os trabalhos alheios... Ladrões!

3.º MULHER NOVA

*(Que traz um menino ao colo. Correndo em fúria para os penitentes, agarra-se a Lourença, obrigando-a a ver a criança.)*

Olha, peste do Diabo, estás a ver o meu filho...? Há dois dias e duas noites que não bebe uma gota de leite: *(Desesperada:)* Estou seca, os meus peitos estão mortos! Não tenho nada em casa... nem uma côdea de pão, nem uma gota de azeite... nada! O meu homem que diga... *(Para o 4.º Homem que está num canto, deprimido, quieto:)* O que é que a gente tem comido? Ervas, raízes do mato que nem as alimárias querem!! E tu... tu, matadora de Nosso Senhor!, tu tens as arcas cheias, vives folgada, usas e abusas da grossura dos bens desta terra!! *(Lourença baixa a cabeça dolorosamente, passiva, em silêncio. Uma Criança mima o gesto de lhe atirar uma pedra: Lourença solta um grito abafado e leva a mão à cabeça, no ponto atingido; logo recomeça a marcha, sempre atrás de António José. Todos os populares, juntos em meio anel à retaguarda e aos lados dos penitentes, mimam igualmente a marcha da sua perseguição, cada vez mais perto das vítimas, marcando com o batuque síncrono dos pés um ritmo cadenciado e feroz. As falas curtas com que, durante esta breve marcha, invectivam os judeus, devem ouvir-se duras e implacáveis como tiros. As Crianças, correndo ao largo, fora do grupo compacto de perseguidores e perseguidos, vão mimando o*

Nesta narrativa dramática aproveitámos, com leves alterações, textos originaes de António José da Silva, do Cavaleiro de Oliveira (segundo a tradução de Aquilino Ribeiro), de Luís António Verney, de D. Luís da Cunha, dos Livros Sagrados Judaicos, dos Processos Inquisitoriaes, do Regimento do Santo-Officio, de Samuel Usque, do Cardeal Cunha, de Ribeiro Sanches, de António Ferreira, de Sebastião de Carvalho e Melo, de Vilhena Barbosa, de António José Saraiva, uma pragmática d'El-Rei D. João V, uma carta de Alexandre de Gusmão, um despacho datado de 1747 e dirigido ao Governador de Angola, etc.

Todos estes trechos apparecem assinalados entre « ».